

Sobre Freire, Marcius. *Documentário – Ética, estética e formas de representação*. São Paulo: Annablume, 2012, 314 pp., ISBN: 978-85-391-0350-8.

por Gustavo Soranz*



Resultado de anos de trabalho dedicados à reflexão sobre o cinema documentário, o livro *Documentário – Ética, estética e formas de representação*, de Marcius Freire, aborda diversos temas relacionados ao campo do cinema de não-ficção, apresentando desde o embate direto com filmes proeminentes e experiências consagradas na sua já decantada tradição, assim como a observação de suas intersecções com outras áreas de conhecimento, tais como a antropologia e a filosofia, de modo a tecer análises aprofundadas acerca dos

métodos e fundamentos epistemológicos encontrados nos marcos fundamentais dessa seara de produção.

Dividido em seis capítulos, o livro reúne de forma abrangente os temas mais candentes em relação à produção de cinema documentário na contemporaneidade, sobretudo no âmbito do que pode ser considerado um cinema de cunho antropológico. No capítulo I, intitulado “Ética e documentário”, o autor dedica-se a esmiuçar os debates ligados aos limites da representação da alteridade no cinema documentário. Quais seriam as questões implicadas na relação da ética com a estética? De que modo o cinema documentário elabora suas estratégias de *mise en scène*? Como as relações estabelecidas

entre o cineasta e os sujeitos objeto de sua mirada se assomam na estética cinematográfica? Como as opções estéticas e estratégias fílmicas adotadas pelos cineastas evidenciam questões de ordem ética? Tema que se destaca por consagrar a principal distinção entre o cinema de não-ficção e o cinema romanesco no desenvolvimento de suas tradições específicas, a ética coloca-se como o elemento central na reflexão contemporânea sobre o cinema que tem no Outro seu objeto por excelência. No livro aqui abordado, o tópico é objeto de reflexão arguta de um autor que é profundo conhecedor da tradição de cinema sobre a qual se debruça e que tem a competência em estabelecer profícuo diálogo com outras áreas de conhecimento fundamentais para a articulação dessa reflexão.

No capítulo II, intitulado “A recepção do documentário”, Marcius Freire encaminha seus esforços em direção a um tema geralmente negligenciado nos estudos sobre o cinema de não-ficção, ou seja, o que desperta o interesse das audiências nesse tipo de produção. Freire busca estabelecer parâmetros de investigação sobre os modos de apresentação e de recepção do filme documentário – notadamente o de interesse antropológico – através dos tempos. Talhado sobre profundo conhecimento da história deste gênero de cinema, o texto apresenta exemplos pontuais para ilustrar os argumentos do autor, que permitem ao leitor encontrar as referências concretas sobre as quais baseou suas análises. Aqui, ele utiliza de modo bastante interessante o conceito de *punctum*, tal como cunhado por Roland Barthes em relação à fotografia, deslocando-o para pensar a experiência cinematográfica, a fim de enfatizar o instante em que os elementos da *mise en scène* do filme se apresentam de modo a se destacar na *diégèse*, como a consagrar um momento que desperta o interesse do espectador para uma obra específica. Aqui, Marcius Freire traz como exemplos alguns filmes do cineasta Jean Rouch para destacar como, no caso de filmes de cunho antropológico, a noção de *punctum* “é dependente do encontro bem-sucedido de dois sistemas de

apresentação: a autoapresentação das pessoas filmadas e a apresentação do cineasta” (104).

Outra contribuição significativa do livro está no capítulo seguinte, “O filme e a pesquisa em ciências humanas”, onde o autor apresenta uma breve perspectiva histórica sobre alguns usos do cinema no campo das humanidades, buscando sistematizar contribuições que permitam diferenciar os usos do filme como objeto ou como instrumento de pesquisa. A partir de clara perspectiva histórica e diálogo interdisciplinar, as reflexões apoiam-se, sobretudo, nas proposições de Claudine de France, que teve papel fundamental na formulação de um método de trabalho cunhado na Universidade de Paris X – Nanterre: a chamada *antropologia fílmica*, perspectiva com a qual Marcius Freire dialoga diretamente. Esse capítulo apresenta uma breve sistematização para o assunto em questão, de modo que se apresenta como referência imediata para pesquisas futuras mais aprofundadas sobre o assunto.

Para além dos estudos relacionados ao cinema, o livro estende seu interesse para uma experiência fundamental no campo da antropologia visual: o trabalho *Balinese character: a photographic analysis*, de Gregory Bateson e Margaret Mead. Intitulado “A descrição iconográfica na antropologia”, o capítulo IV dedica-se principalmente à análise do método de descrição visual elaborado pelos antropólogos citados, sem deixar de abordar os problemas relacionados ao uso das imagens técnicas na antropologia. “Seriam a ilustração e a descrição atividades e formas de apresentação antagônicas em antropologia visual?” (132), pergunta o autor. A resposta a esta indagação não surge sem uma análise detida das estratégias e métodos de trabalho em campo que resultariam no livro da dupla de antropólogos, que inovou ao utilizar os meios técnicos de registro de imagens, a fotografia e o cinema, como maneira de conceber uma outra forma de relato etnográfico, que buscou alçar o papel das imagens técnicas ao protagonismo na descrição de atividades culturais. Do

mesmo modo, o autor não deixa de problematizar os diversos aspectos implicados na descrição etnográfica por meio de imagens técnicas. Qual a relação da imagem com a palavra nos relatos etnográficos? De que maneira o recorte espacial operado pelo fotógrafo ou cineasta no mundo histórico implica nas representações dos processos sociais observados? Qual a contribuição que uma imagem técnica traz ao relato etnográfico? A experiência de registro etnográfico por meio de imagens levada a cabo por Bateson e Mead junto aos balineses não é a única analisada pelo autor neste capítulo, que ainda apresenta um estudo da *Encyclopedia cinematographica*, desenvolvida no Institut für den Wissenschaftlichen Film – IWF, na Alemanha, instituto que se dedicou a utilizar o cinema para finalidades científicas e educativas. Novamente apoiado na metodologia descrita por Claudine de France,¹ Marcius Freire vai se debruçar em outra experiência importante na seara dedicada aos filmes de cunho antropológico e que permanecia negligenciada na bibliografia sobre o tema publicada no Brasil.

No capítulo V, intitulado “Princípios da descrição cinematográfica”, Marcius Freire apresenta uma análise panorâmica sobre as especificidades da descrição etnocinematográfica, partindo de um arco que sobrevoa as experiências iniciais no uso dos instrumentos técnicos de registro de imagens, ainda no final do século XIX, para chegar até as tecnologias multimídia e novas plataformas de distribuição de conteúdo do final do século XX. Novamente, a exemplo de capítulos anteriores, temos a exposição inicial de um arcabouço histórico e teórico que permite desenhar o quadro conceitual sobre o qual vai se trabalhar a exposição do assunto proposto. Temos então a apresentação de questões próprias ao campo da antropologia, dos estudos linguísticos e dos estudos de cinema, sem deixar de considerar a evolução tecnológica dos aparatos de registro e de exibição de imagens e suas utilizações em iniciativas voltadas à representação das manifestações culturais e à divulgação de seus

¹ A metodologia proposta por Claudine de France pode ser encontrada em: FRANCE, Claudine de (1998), *Cinema e antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 305.

produtos e resultados de pesquisa nas ciências humanas. Algumas considerações presentes neste capítulo podem ser consideradas como datadas, sobretudo nos comentários relacionados a algumas plataformas tecnológicas como o CD-ROM, que praticamente não é mais utilizado nos dias atuais. Ainda assim, a análise em perspectiva histórica do tema da descrição etnocinematográfica traz uma importante contribuição informativa, que reúne exemplos importantes para se compreender a evolução do uso das imagens animadas para descrever práticas sociais através dos tempos.

O tema da autoria no cinema documentário é abordado no último capítulo, intitulado “O autor no documentário”. A partir de uma apresentação histórica da concepção de autoria na história da humanidade, Marcius Freire vai colocar o documentário no foco de atenção de uma discussão geralmente associada ao filme de ficção e, com efeito, a análise de como os estudos de cinema dedicaram espaço para tratar da questão da autoria majoritariamente em relação ao cinema de ficção toma boa parte do capítulo, que vai fazer um esforço em colocar o cinema documentário sob a análise dos mesmos pontos, inclusive o chamado filme etnográfico. Nesse percurso, Freire apresenta diversas referências de autores que se dedicaram ao tema em seus textos, assim como cita diversos diretores e filmes a fim de ilustrar momentos importantes para a reflexão sobre o papel do diretor como alguém que deixa uma marca pessoal na sua fatura filmica.

Apesar de ser uma reunião de artigos escritos (e publicados anteriormente) em diferentes momentos, o livro funciona muito bem em sua unidade, trabalhando temas caros ao campo do cinema de não-ficção, permitindo que o leitor possa tomar contato com o desenvolvimento de um cinema que, na consolidação de sua tradição, se dedicou a registrar as manifestações culturais e, assim, se deparou (e continua a se deparar) com questões complexas, como a relação entre quem filma e quem é filmado, que implica, também, na relação da *mise en scène* de quem filma com a *mise en scène* de quem é filmado, temas

abundantemente tratados no livro, apoiados por sólido referencial teórico e profundo conhecimento histórico sobre os assuntos sobre os quais se debruça, sobretudo em relação à antropologia visual. Outro aspecto notável é a abordagem multidisciplinar como forma de analisar experiências que são, em si, frutos de diálogos entre diferentes disciplinas, e o rigor no texto final, que resulta em uma leitura que atrai tanto aos especialistas no assunto como aos interessados de um modo geral. Cabe aqui, ainda, dizer que o livro permite a entrada individual em seus diferentes capítulos, sem prejuízo ao leitor, de modo que se candidata a ser referência fundamental dos estudos sobre cinema documentário no Brasil.

* Gustavo Soranz é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) com bolsa da FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas). É graduado em Rádio e TV pela Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba) e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Ufam (Universidade Federal do Amazonas). Professor do curso de Comunicação da Uninorte (Centro Universitário do Norte - AM). E-mail: soranz@yahoo.com.